

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1904

N.º 124



M.ª Georgette Leblanc-Maeterlinck
Interprete do theatro Maeterlinck



Neste período quaresmal, que vai correndo, a moda estabeleceu que a sociedade elegante de Lisboa, antes de ir para a Avenida, ao domingo, ver os que namoram, venha à Igreja dos Martyres ouvir as conferencias do reverendo padre Cabral. Como em S. Carlos — abriu-se n'aquelle templo uma assignatura. Os emprezarios não foram menos felizes do que o astucioso director do theatro lyrico. Todos os logares foram tomados. Se a temporada da opera italiana foi proveitosa, a temporada-predicante só terá sido menos rendosa porque a modicidade nos preços foi, felizmente, mais accommodada com outras necessidades imprescindiveis. Mil e duzentos réis bastavam para se usufrir uma cadeira, numerada. Evitaram-se confusões dispondo filas, pela igreja fora, regularizadas com methodo: pares para um lado, impares para outro; uns para a direita, outros para a esquerda.

Os que sabiam que determinado numero fóra adquirido por determinada pessoa, procuraram e obtiveram uma approximação desejada. Os que pela dureza d'ouvido não podem escutar a distancia, lograram alcançar cadeira proximo do orador. Não perderam, uns, uma olhadella, não perderam, outros, uma palavra. Todos ficaram, pois, como Deus com os anjos. N'estas predicas dominicaes, pode dizer-se que todos foram assim recompensados do seu quartinho e da sua devoção, — recebendo a maior somma de commodidades acompanhada com um farto quinhão da divina graça. O resultado é que os assignantes dos Martyres estão muito mais satisfeitos do que os assignantes de S. Carlos; — embora as gazetas sejam mais prodigas em reclamos ao sr. Pacini, do que em elogios ao sr. Padre Cabral. Isto resultará, talvez, de que na opera houve mais cadeiras de favor do que na igreja.

Convem ter em vista que uma approximação entre os espectaculos de S. Carlos e as conferencias dos Martyres, em mais d'um ponto, pode disputar semelhança. O auditorio é o mesmo — e tanto no theatro como na igreja o exito principal deveu-se á cultura e ao encanto de estylo dos personagens salientes que este anno appareceram. O sr. Bonei e o sr. padre Cabral, sob o ponto de vista artistico, tem affinidades flagrantes. Em ambos predominam os effeitos pela rara suavidade da voz. Um é magnifico no bello canto, o outro é apreciabilissimo na bella predica. Os *dilletanti* enthusiasmam-se; os devotos commovem-se. As divergencias na *mise en scene* entre o ultimo acto da *Favorita*, e o da scena que se representa no templo do antigo Chiado, também não são de grande importancia. O sr. Bonei entrajado de noviço, erguendo-se a meio da resa, junto da cruz, illuminada por um potente jaeto de luz electrica, é, realmente, maravilhoso quando canta o *sprito gentile*, — mas o sr. padre Cabral não é menos impressionante quando principia a falar, depois da previa oração, ao assomar no pulpito, ornado com uma cobertura de tons dourados, que dá todo o destaque ao seu busto, que nenhum exaggero marca, envolvido na alvissima sobrepeliz, cortada pela estola adamascada. Quando o fui ouvir nem sequer faltaram os effeitos de luz: por uma das altas janellas, que lhe era fronteira, o sol entrava triumphante e os seus raios, decompostos nos vidros, cahiam, n'um feixe de luz, mesmo sobre a sacra tribuna...

Sem nenhum proposito, pois, d'enfileirar-me entre os que affectam não dar a importancia das suas referencias ás predicas dominicaes nos Martyres, e sem querer arremeter-me entre os que as exaltam apaixonadamente, exaggerando-lhe as consequencias, eu julgo dever apreciar-as aqui, sem opiniões de intransigencia, nem intuitos de malevolencia preconcebida.

pacientemente para remir do peccado original a condemnada humanidade, esbofetava-se convicta e duramente. O auditorio piedoso, de rojo no lagado frio e humido, erguia, n'esse lance, um alto clamor. Em brados allietivos pedia misericordia, — e em pesadas palmadas nas bochechas, expressava a sua harmonia com o castigo das carnes, que do alto do pulpito lhe era muito estrepitosamente exemplificado. Gentes d'esse tempo, esbofetei-vos em casa. — se a devoção vos impelle a usar essa forma remissora do peccado! Entre as pessoas bem educadas da moderna sociedade tudo hoje se passa sem essas exaltações. Seria ridiculo e seria inconveniente — saeudir com a mão espalmada a camada de pó d'arroz, roseo e perfumado, que um arminho macio depoz sobre a cutis bem tratada. Hoje, tudo isso mudou.

Oratoria e oradores transformaram-se. As palavras já não são atiradas clamorosamente, do alto da tribuna sagrada, n'uma entoação de desafio e de maldição, — nem o padre que as pronuncia, ostenta a rubicunda face e a cachaceira apoplectica, — tão celebrada pelos poetas epigrammaticos, que antes implicavam com os frades bentos e cruzios. O abbade anafado, de mãos polpudas, que sacudia o sudario, em impetos de ehlera, mostrando o *ecce homo* e vociferando contra os impios, — só nas remotas aldeias, perdidas em serranias pouco visitadas, consegue agora auditorio que lhe pague esses sermões d'oratoria *demodée*. A civilização hodierna, presereveu esses discursos e desterrou esses discursadores. O padre do nosso tempo adelgaçou. O progresso tirou-lhe as carnes — e deu-lhe a anemia. Já lhe não deixa, impunemente, castigar o corpo com a pujante orelheira de porco com feijão branco, — nem lhe permite os abusos licorosos, arrostados com impavidez nos desmandos e nas festanças, successivas, na freguezia propria e nas convisinhas. A doença forçou-o a abstinencias, que o temor de peccar contra os inimigos da alma nunca conseguira impor-lhe. O que é certo, porém, é que desde que o padre foi diminuindo em enxundias, parece que o espirito lhe accordou para mais alevantados vãos. O estudo dos problemas sociais principiou a interessar os que sentiam vocação para a predica. Deram em ler menos o breviario — e em pensar mais na maneira de harmonisar a sciencia com a religião. Vem d'aqui a transformação na oratoria sagrada. O sermão cedeu o logar á conferencia. O padre Marnoco, que só dava o inferno como refugio ao peccador, foi substituido pelo padre Cabral que sugere noções pacificadoras para conciliar os deveres religiosos com o progresso das ideias. A propaganda, assim, deixa de ser o terror e o castigo pavido expresso pelas chammas da fogueira eterna. Vem como ensino util, harmonizando-se com a orientação pratica na vida de cada um. Não são proclamadas exclusões, nem se descrevem castigos implacaveis. O sr. padre Luiz Cabral, que aqui tomou a iniciativa d'estas conferencias quaresmaes dos Martyres, ajuda na ultima predica se fundamentou n'um principio amavel, para expressar que a obediencia aos impulsos d'uma recta consciencia, punha o homem acima das prescripções condemnatorias de qualquer seita.

E dizia:

— «Desde que se proceda como a consciencia determina, todos hão de ser acolhidos no seio de Deus, sejam mahometanos ou budhistas, fetichistas ou brahmanes, protestantes ou catholicos puros.»

Que distancia entre uma conferencia, em que se expressa, tão amplamente, estar a reetidão acima de todas as divergencias do culto, e o sermão do antigo prégador, que n'esta epocha do anno se afadigava em apresentar as chagas do Christo, como um inapagavel clamor de vingança e intransigencia!

Que distancia!

E no entanto o sr. padre Cabral caminhando assim para a frente... não fez mais do que caminhar para traz. Apartou-se, é certo, dos que prégavam no antigo estylo, mas acerrou-se de S. Paulo, que antes de todos pregára a amavel doutrina. Foi este apostolo, se não eston em erro, quem ao apresentar a cruz, para que a sua sombra se projectasse so-

* A primeira observação que naturalmente resulta d'estas modernas praticas religiosas é a distancia a que ellas se encontram dos antigos sermões quaresmaes, que se modelavam, invariavelmente, na extensa rememoração dos passos dolorosos da tragedia que findou no Golgotha. O orador sagrado ao reinvoocar esses transes martyrisadores, arrostados

bre o mundo inteiro, formulava uma interrogação, que encerra todo o pensamento do período attribuído ao sr. padre Cabral:

— Que tem mais o judeu do que o gentílico? »

Bourget, definindo o orador moderno, disse que este precisava ser o conductor das almas para o ideal. Se esta tem de ser a missão do orador leigo, — que fala nos centros, nos parlamentos, nos meetings, — comprehende-se perfeitamente, que o orador sagrado puzesse todo o empenho em evolucionar nas suas predicas, por forma a reconquistar o favor das almas que tendiam a desencaminhar-se do grande ideal. A oratoria sagrada modificou-se, para corresponder só a esse fim utilitário? Ninguém pôde affirmar-o. O que se pôde constatar, porém, é que a nova orientação religiosa, aqui especialmente iniciada pelo rey. Luiz Cabral, corresponde ao movimento que desde annos está lá fora em progressivo avante de conquista. Como os conferentes recorrem depois ao livro para acrescer a propaganda, succede eu ter podido ler alguns, com interesse, e até ter avaliado os resultados obtidos, — porque elles não occultam os seus estudos nem as suas estatísticas. Não ha ramo de sciencia, por mais arido, que escape ás investigações do moderno orador sagrado, e que elle não procure pôr d'acordo com o movimento christão. O padre Montagne, por exemplo, estuda e explica a theoria do contracto social e a theoria do organismo social segundo a escola naturalista. O padre Badet concentra toda a sua attenção no problema dos soffrimentos humanos. O padre Folghera dá-nos explicações e problemas das causas finas. O padre Guibert faz-nos a exposição do movimento christão, dividindo assim o seu trabalho:

LE MOUVEMENT CHRÉTIEN :

*Dans l'ame humaine
Devant l'incrédulité
Devant la science
Devant la critique
Devant les exigences sociales.*

Cito muito especialmente este, por que sendo dos mais recentes... me parece até ter sido dos mais folheados pelo conferente dos Martyres

Entre todos esses pregadores modernos, porém, aquelle que mais me tem prendido a attenção, é o padre James Forbes, que reuniu, como os outros, em livro, as suas predicas em Saint-Philippe e de Roule e em Saint-François Xavier.

Este sacrifica o brilho da oratoria... á nitidez dos algarismos! Qual é a creença mais funda dos que combatem o catholicismo? E' a decadencia d'esta perante a invasão luminosa da sciencia. O atheismo marcha triunphante desde que os encyclopedistas lançaram nos espiritos a semente da duvida? Pois vai ver-se! E o padre James Forbes, empreendendo uma peregrinação através do mundo inteiro, e vai-nos fazendo revelações que accentuam como, por toda a parte, o seculo chamado das luzes foi, de todos, o maior seculo para a conquista das almas ao catholicismo triumphante. O Mediterraneo é hoje quasi um lago catholico. No extremo oriente, o Hindostão, desde o Afghanistan até á China, comprehendendo Ceylão, vai-se convertendo. Em 1800 eram ali os christãos 475.000; em 1900 eram já 2.440.000.

Na Nova Zelandia, em 1800, não havia um unico catholico; em 1900 ha perto d'um milhão. Na Batavia, que estava nas mesmas condições em 1800, tem, em 1900, 813.000 catholicos.

Em 1800 toda a Africa era musulmana; hoje, com excepção de Marrocos, por toda a parte o christianismo avassala as almas.

O Brazil, em 1900, tem 14.450.000 catholicos; o Chili 2.500.000; o Salvador 800.000; o Perú 2.500.000; o Mexico 2.800.000; o Equador 1.200.000; a Argentina e o Paraguay 5.600.000; a Columbia 3.840.000; Guatemala 1.387.000, etc.

Na Palestina em 1800 havia 3.000 catholicos; hoje ha 25.000.

Passando á Europa, aos estados protestantes e aos estados schismaticos, a progressão revelada não é menos para se considerar.

Na Inglaterra e na Escocia, em 1800, havia 120.000. Agora ha dois milhões. As conversões oscillam ali n'uma media de 5 a 7.000 por anno.

Na Allemanha os catholicos em 1800 eram 6.000.000; em 1900 são 18.000.000, — tendo subido tanto em importancia que na Reichstag é aos catholicos que pertence a representação politica mais poderosa.

Na Hollanda em 1800 não havia um padre que pudesse celebrar missa sem recorrer á hospitalidade n'uma sala convenientemente guardada á vista. Em 1900 tem 1.400.000 catholicos governados por 5 bispos e 2.794 padres.

Na Suissa, no mesmo periodo, os catholicos subiram de 122.000 a 1.250.000. Berne tinha, em 1800, 500 catholicos; em 1900 tinha 4.821.000. Genova tinha 200, hoje tem 6.000. Zurich em 1800 não tinha um só, para amostra; hoje tem 48.000.

Na Dinamarca, na Suecia, na Noruega, havia em 1800, apenas 200; hoje, só na Dinamarca ha 4.000.

Em Breme hoje ha 8.000, em Hamburgo 24.000, em Lübeck 1303. Não havia um, em qualquer d'estes estados, em 1800.

Na Roumania, na Servia, na Bosnia, os progressos são por igual maravilhosos. Salto muitos numeros, porque receio aborrecer o leitor, com explicações e algarismos... com que o padre James Forbes enche os seus sermões. Não ha textos sagrados; ha estatistica. Que differença entre o antigo sermão e estas conferencias!

Consiguando este aspecto, novo, da Lisboa actual nos domingos de quarema, eu quiz fixar, aqui, a evolução da oratoria sacra, que entre nós tem como representante primacial o director do collegio de Campo-

lido. A plasticidade religiosa do christianismo, adaptando-se á vida especial dos povos, através de todas as edades e de todas as civilizações, está no nosso tempo evidenciando-se n'uma demonstração — que não pôde escapar aos espiritos observadores. A área da propaganda alastrou enormemente. — ao contrario do que pensam os que só se instruem com a leitura de gazetas. Os algarismos, chamados a expressar o recrutamento da legião christã, mostram como os exercitos da igreja se multiplicaram. Para que a propaganda não se limitasse ás camadas campesinas, intellectualmente menos desenvolvidas, o sermão classico está sendo substituído, nas cidades, pela conferencia religiosa-socialista, que procura acompanhar e aproveitar o movimento progressivo dos espiritos. A difficuldade para conquistar todas as vantagens d'este movimento d'avance, resulta por agora... da escassez de padres scientificamente educados para essa campanha complexa. Entre nós até hoje appareceu este, nos domingos, nos Martyres. Em França são já muitos fazendo conferencias em todas as cidades. Por isso a lucta dia a dia ali se afirma em combates, que o Estado, appoiado nas esquerdas radicaes, procura vencer, sem recuar nas violencias nem hesitar nas repressões. Quem triumphará? Será o padre que procura manter a religião nos corações, harmonizando a creença com o espirito moderno, — ou o livre pensador, que aconselhando-se com a experiencia do passado, quer os espiritos libertos de todo o dominio religioso, para que se não possam encontrar entraves na expansão de todas as manifestações da supremacia leiga?

Deixo a resposta aos que d'aqui a um seculo limitem o padre James Forbes com a predica dos algarismos das novas estatisticas. Por agora é cedo para attribuir ao sr. Combes a palma da victoria, ou para affirmar ás Congregações a recuperção dos seus baluartes derrocados. Por mim limito-me a deixar annotado que as conferencias dos Martyres não só não tem determinado perturbações sociais, como não tem provocado perturbações na nossa sociedade. Tudo se tem passado muito bem — e muito em harmonia com os 14.200 réis da assignatura. *Elles e ellas* continuam a ser — peccadores amáveis nas relapsos. E' reparar cá fora, á sabida, á porta da igreja, no fogo infernal que rebrilha nos olhos que se cruzam...

Basta: *ite, missa est.*

J. BARBOSA COLEN.



O melhor medico é aquelle que menos fala e que mais observa.

MAUPERTIUS.

Só se é feliz quando se pensa e se trata da felicidade dos outros.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

Celso Herminio

† em Lisboa a 8-3-904



Era um verdadeiro artista que accentuou o seu talento humoristico na caricatura impressa. Por muito tempo collaborou n'esta Revista, dando nas nossas paginas uns curiosos typos das ruas de Lisboa e do Rio de Janeiro, e nos primeiros tempos da sua publicação, o «Brasil-Portugal», teve-o como director artistico. Foi um companheiro realissimo, do qual nos despedimos com saudade.



Um dos últimos desenhos de Celso Herminio, publicado no "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro, a propósito da chegada a Lisboa do dr. Fernando Mendes de Almeida, director d'aquella folha fluminense

Política Internacional

A declaração da guerra russo-japonesa veio crear para a Europa uma situação de tal maneira melindrosa, que pôde dizer-se nunca como hoje esteve a paz entre as nações tão seriamente comprometida. Os esforços para localisar o conflicto são grandes e persistentes. Todos recuam horrorizados ante a perspectiva de uma conflagração geral, que arrastaria indubitavelmente no seu medonho torvelinho a prosperidade da nossa Europa. Os proprios Estados-Unidos, que sob mais de um ponto de vista lucrariam com a ruina economica e financeira do velho mundo, estão de tal maneira convencidos da repercussão geral de semelhante guerra e dos seus desastrosos effeitos mesmo para os paizes mais afastados do theatro da lucta, que estão tambem diligenciando attenuar por todos os modos as consequências possíveis do duello, que se está ferindo no Extremo Oriente.

Eno entretanto, apesar de todos estes receios e não obstante todos estes bons desejos, o que é certo é que as grandes potencias se armam até aos dentes, como se estivessemos na vespera do rompimento que todos temem, mas que cada um parece apostado em tornar inevitavel. Que suprema ironia do destino, que esteja isto acontecendo exactamente no momento em que o tribunal da Haya está com uma comica gravidade exercendo as suas augustas funções a proposito da minuscula questão da Venezuela, e em que as diferentes potencias estão assignando entre si infantis tratados de arbitragem para casos de somenos importancia e de problematica actualidade...

O ponto delicado da situação internacional está na posição especial da França e da Inglaterra em face do conflicto russo-japonez. Cada uma d'estas nações é respectivamente a alliada de um dos contendores, e portanto, embora guardando até este momento qualquer d'ellas a mais estricte neutralidade, pôde dizer-se que virtualmente estão tambem em estado de guerra, que qualquer incidente minimo pôde converter em guerra declarada. Quanto á Inglaterra o seu tratado de aliança com o Japão está publicado e sabe-se explicitamente em que condições será chamada a intervir na guerra actual. Não assim quanto á França. A declaração franco-russa, que se publicou logo após a divulgação do tratado anglo-japonez, é concebida em termos tão vagos, que deixa a suspeita de que a completa-haja qualquer convenção secreta, que obrigue a França a determinada intervenção, estipulada nas clausulas desconhecidas. Será isto assim? Achar-se-ha a republica de posse da sua liberdade de acção, como ainda não ha muito o declarou no parlamento, é verdade que um pouco sobreposse, o sr. Delcassé? Ou estará pelo contrario a França, pela força de um tratado, á mercê de qualquer requisição que a Russia faça do seu auxilio? *Chí lo sa?*

Mas mesmo que pela letra dos tratados nem a França nem a Inglaterra tenham que intervir na guerra, não soffre duvida que a situação de ambas as nações é extremamente melindrosa. A victoria de um dos contendores, reflectindo-se na posição internacional do respectivo aliado, torna singularmente difficeis as relações amigaveis d'este com o aliado da nação vencida. Por maior que seja a boa vontade de parte a parte, por mais sincero que seja o desejo em Paris e em Londres de evitar conflictos, a prova a que o bom criterio e a serenidade das duas nações tem de ser submettidos é verdadeiramente terrivel, e será um assignalado triumpho da diplomacia, que lhe fará perdoar muitas culpas, se ella n'esta conjunctura consegue manter a paz. A cada derrota da Russia, com effeito, ver-se-ha a França diminuida nas garantias da aliança que contractou, e que tão cara financeiramente lhe tem custado, não obstante os resultados d'esse facto serem até agora politicamente negativos. Por outro lado a cada derrota do Japão verá a Inglaterra avolumarem-se os perigos da sua propria situação no Extremo Oriente e na India, por isso que na actual guerra se as tropas do Mikado luctam pelos interesses e pela segurança dos Dai Nippon, nem porisso deixam de ser tambem a salvaguarda dos interesses inglezes, combatendo o principal adversario do dominio britannico na Asia. Ora, se no caso de a Russia ser vencida, pôde a França — não sendo a isso obrigada por algum tratado — deixar de ir em seu auxilio, como de resto parece que a maioria da opinião publica n'este paiz o está impondo, outro tanto não acontecerá com a Inglaterra no caso de se dar a hypothese contraria, isto é, de ser vencido o Japão.

E' absolutamente certo que o gabinete de Londres não deixará esmagar o seu aliado. Bem caro tem já a Inglaterra pago a indecisão de Lord Rosebery por occasião da revisão do tratado de Shimonosaki, para que vá commetter agora segunda falta, em circumstancias para ella bem mais indesculpaveis. Mas ainda mesmo que o ministro Balfour estivesse disposto a proceder n'esta questão como o ultimo governo liberal do successor de Gladstone, é certissimo que a opinião publica ingleza não lh'o consentiria, e que voluntariamente ou isso impellido o gabinete britannico ha-de vêr-se obrigado a entrar na guerra para evitar o esmagamento do Japão, ou no decurso das

hostilidades ou para modificar as condições leoninas do tratado de paz imposto pela Russia vencedora.

E' preciso não perder de vista esta hypothese, pelo menos possível, tanto mais que ella interessa directamente Portugal na sua qualidade de aliado da Inglaterra.

A questão limita-se agora a saber qual será a attitudo provavel da França, no caso de uma intervenção da Inglaterra no conflicto. Na hypothese de a Russia ser vencida o mais provavel, o quasi certo é que não intervenha, a não ser a isso obrigada pela letra de algum tratado secreto.

No caso de a Inglaterra intervir, porém, estando a Russia vencedora, a questão é differente. Em todo o caso ainda é possível n'esta conjunctura a abstenção da França. E' possível, embora não seja muito provavel, devemos confessal o. Em todo o caso a superioridade esmagadora da esquadra ingleza, e a situação do Indo China exposto quasi que sem defesa a um ataque do Japão, hão-de contribuir para que o governo da republica pense maduramente antes de lançar-se em qualquer aventura. O auxilio de resto que na presente guerra a França pôde dar á Russia é relativamente insignificante.

Esse auxilio só poderia ser maritimo, mas diffcil senão impossivel será á França prestar-o dominando a Inglaterra os mares.

Emquanto a uma diversão na Europa sob a fórma de desembarque de tropas francezas nas costas da Irlanda ou da propria Inglaterra parece-nos plano summamente arriscado, senão de todo irrealisavel, apesar das discussões que nos ultimos tempos a tal respeito tem havido.

Outro ponto delicado na presente situação internacional é a attitudo da Alemanha. Para que lado penderá na hypothese de se generalisar a guerra? A resposta parece não ser duvidosa. A Alemanha estará ao lado dos inimigos da Inglaterra. Não é para extranhar mesmo que actualmente ella trabalhe para que o conflicto se alargue, afim de poder dar começo de realisação ao seu sonho predilecto — o aniquilamento do imperio britannico.

Talvez mesmo que d'este lado o perigo para a paz geral seja maior que do lado da França. Ha muito que os materiaes para o incendio se tem vindo accumulando. Na occasião da guerra sul africana por pouco que as imprudencias dos estadistas allemães, especialmente do conde de Bulow, não provocaram um rompimento. A Inglaterra não o esqueceu, e natural é que esteja preparada para a eventualidade, que a obsecção germanica cada dia torna mais inevitavel. O que é certo é que tão grande se mostra o empenho por parte da Inglaterra de respeitar todas as susceptibilidades da França e de lhe captar a amizade, como se patenteia o seu mau humor a proposito do imperio allemão.

A linguagem da imprensa de Londres não pôde ser a este respeito mais suggestiva. Para amostra, e porque constitue valioso elemento de apreciação da presente crise internacional damos a seguir alguns trechos de um notavel artigo do *Daily Telegraph*, onde se discute a eventualidade de a Alemanha prestar o seu auxilio á Russia na guerra actual. O contraste sobretudo com o modo como o grande jornal londrino se refere á França a proposito dos documentos relativos á questão de Foshoda, publicados pelo *Figaro*, é frisante e de uma eloquencia que só por si diz tudo.

«Não nos admiramos nem censuramos o procedimento do *Figaro* — revelando a correspondencia trocada entre o sr. de Muraviev — por algum tempo chancellér russo — e o presidente da republica, Felix Faure, durante a breve crise occasionada pela presença do major Marchand em Foshoda, depois da derrota por Lord Kitchener das forças do Khalifa em Omdurman.

«Nada podia ser mais caracteristico do cavalheirismo francez do que recordar n'este momento a attitudo sympathica da Russia então. Os inglezes de todas as classes respeitam o sentimento que fez resuscitar este incidente quasi esquecido.

«E fazem n'ó com tanta mais satisfação quanto é certo que reconhecerem agora, como de resto, sempre o reconheceram, a maneira admiravel e digna com que o governo e o povo francez procederam...

«Aos francezes cumpria-lhes recordar a gratidão aos seus alliados russos pela prova de amizade que estes lhes deram n'um momento em que não se sabia ainda como a crise terminaria.

«Nós, os inglezes, que temos boa memoria tanto para os favores recebidos como para os insultos que nos dirigem, comprehendemos bem o sentimento francez n'este conflicto do Extremo Oriente.

«O correspondente do *Temps* em S. Petersburgo informa os seus leitores que o governo allemão está-se desfazendo em protestos de sympathia para com a Russia, que vão até ao offercimento de auxilio, mostrando assim que elle quer patentear ao tsar que a neutralidade allemã é para elle de mais valor do que a neutralidade franceza.

«A impudência d'esta insinuação é pelo menos igual à sua fatuidade. Se a Allemanha intentasse vir em soccorro da Russia o resultado para ella certo de tal procedimento seria o ficar sem um navio no mar e sem uma única das suas colónias.»

«Corre por todas as chancellarias da Europa o rumor dos esforços, que a Allemanha está fazendo para semente a discordia entre a França e a Inglaterra. Felizmente a diplomacia allemã é a cousa mais desastrada d'este mundo e já não engana ninguém.»

O confronto entre o modo como a França é tratada n'este artigo e a maneira como o mesmo artigo se refere á Allemanha, dispensa commentarios e esclarece bem um dos aspectos da situação internacional.

CONSIGLIERI PEDROSO.

OLHOS VERDES

Ao ver uns olhos tão bellos
Assim d'um verde exquisito...
Bondosos como desvelos,
Profundos como o infinito,

A gente fica a scismar
Como poudes fazer Deus
Uns olhos da cor do mar
Não tendo mar lá nos céus...

E depois com todo o ardor
Da crença, fica-se n'isto:
— Deus tirou aquella cor
Ao mar das maguas de Christo...

JOÃO SARAIVA.

As ultimas cheias em Portugal



Na Ribeira de Santarém



A inundaçào do largo de Palhaes, em Santarém



Na praia de Setúbal



D. Amélia — A Castellá, D. Maria — Amor de perdição.

Gymnasio — Gente para alugar. Principe Real — Perdidos no mar. A vida de um rapaz pobre. Mulher demonio. Uma senhora maltratada.

De todas as maneiras por que o divórcio tem sido tratado no theatro nenhuma tão delicada, tão suggestiva e, pôde mesmo avançar-se, tão persuasiva, como *A Castellá*, agora em scena no *D. Amélia*. Aos argumentos, Alfredo Capus substituiu os factos, contra os quaes todos os argumentos são falliveis, e em situações simples, deduzidas com uma logica de ferro, trouxe ao proscenio, incarnadas em personalidades que vivem, em casos da vida real que a todo o passo se nos deparam, as indestructiveis razões que militam a favor do divórcio. Por o problema, e, sem uma insectiva, sem um exaggero, sem longas tiradas, nem veleidades de dou-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-trina ou de campanha, sem ferir convicções ou procurar effeitos, resolveu o com-

dá ainda uma impressão nova, e a sua sentimentalidade, que se pôde considerar romantica, tem acção em nós como se resumisse o sentimento, em todos os tempos.

Do *Amor de Perdição* adaptado ao theatro fez D. João da Camara uma obra de arte, e nada mais digno de louvar que essa delicada preocupação de conservar no drama a linguagem do romance, e de não desvirtuar nunca as figuras creadas por Camillo.

Escrevo à ultima hora, e é hoje curto o espaço consagrado a theatros no *Brazil-Portugal*. Por isso muito de fugida aqui esboço a impressão que da primeira audição da peça recebi. Dividia a D. João da Camara em 7 quadros; por elles, n'uma successão sempre logica e theatral, espalhou as scenas mais interessantes do romance, e as situações capitais tratou-as com amor, com elevação, arrancando à sua arte todos os elementos que fizessem no theatro realçar a arte primorosa do sempre grande e sempre querido prosador portuguez.

Encontrou nos artistas de *D. Maria* interpretes à altura das responsabilidades. *Ferreira da Silva* é incontestavelmente um actor de primeira ordem. De *João da Cruz* fez uma criação, que o publico com justiça consagra, applaudindo-o estroandamente no 3.º e no 5.º actos.

Fernando Maia teve uma excellente comprehensão do papel de Camillo: disse bem e representou bem. Não ha elogio mais simples nem maior.

Angela Pinto foi a *Marianna* do romance, e os outros artistas, *Cecilia Machado*, *Augusto Mello*, *Joaquim Costa*, *Carlos Santos*, *Carolina Falco*, *Luiz Pinto*, e outros ainda, completaram o desempenho por forma que ao publico satisfizer por completo.

No exito do *Amor de Perdição* teve uma boa parte *Augusto Pina*, que, no 4.º e 7.º quadros, mostrou progressos incontestados na arte difficil da scenographia.

Gente para alugar é a comedia-charge que desopila ha bastantes dias o fgado dos *habitues do Gymnasio*. N'esta sociedade moderna em que tudo se aluga, tanto uma casa como uma consciencia, nada mais original, nada mais a proposito, que esta engracadissima charge, que nos apresenta uma agencia fartamente sortida de damas e cavalheiros em todas as condições sociais que se alugam para casamentos, para oradores, para bailes, para enterros, etc., etc.

Não-de concordar que, como troça, e como caricatura do que por ahí ha, é uma... *trouvaillite*.

A peça é allemã, e o sr. *Freitas Branco*, que é mestre na especialidade, arregiou-a para o publico do *Gymnasio*.

Não occultarei que para os effeitos de interesse e de gargalhada os dois ultimos actos fraguejam, não porque as situações, em casa, por exemplo, da baroneza, escasseiam, ou porque os elementos comicos falhem. Ao contrario, abundam em tal excesso, que prejudicam o effeito, por isso que já pouca novidade offerecem sobre aquelles que nos primeiros actos fizeram estatar de riso o publico.

Parece-me que a *gente para alugar* nada perderia se tivesse pelo menos... um acto a menos.

Mas isto é querer porventura invadir as attribuições do intelligente arregiador e Deus afaste de nós a veleidade de metter a fouce em seara alheia. O publico ri, gosta, applaude todas as noites, e, para as peças d'este genero, creiam que não ha critica que a esta equivalha.

Cardoso e *Ignacio* são na comedia os artistas de resistencia. Estão sempre em scena, e mal assumam, o publico ri.

E' que a graça que d'elles resalta, natural e espontanea, realça e completa a graça da peça, e elles põem além d'isso de sua casa, quanto a arte lhes fornece para desopilarem os espectadores. O effeito é seguro, não ha duvida: *Cardoso* e *Ignacio*, do primeiro ao ultimo acto, triumpham em toda a linha.

Mas ha outros papeis interessantes na *Gente para alugar*, e d'esses, com a sua sciencia da especialidade, tiraram effeitos a valer, outros artistas, à frente dos quaes figura sempre a *Barbara*, que parece mais nova em cada peça em que entra, talvez porque encontra uma forma tambem sempre nova de ter graça, de dar relevo ao espirito, de tirar effeitos de scenas, que outros não encontrariam.

Caiu no gotto do publico *A gente para alugar*: logo é uma peça excelente.

O *Principe Real* está-se alimentando de *reprises*. Peças que lá fizeram ha muitos annos longa carreira, parece haverem-se lá interrompido para voltarem com mais folego, mais renovadas e sadias.

E' o que se está vendo com os *Perdidos no mar*, o velho drama em 5 actos, extraído, por *José Antonio Moniz*, de uma peça franceza.

Tem todas as situações para agradar as platéas populares e consagraram-no ha muito os publicos tanto de Portugal como do *Brazil*, por onde largamente transitou.

D'esta vez foi o *Perdidos no mar* confiado aos melhores artistas do theatro da rua da Palma, n'elle tiveram honras de desempenho *Alves da Silva*, *Maria das Dores*, *Eduardo Vieira*, *Pinto da Costa*, *Chaves* e *Luciano*.

Outras duas *reprises* que tiveram exito igual ao que ha muitos annos e em varias epochas obtiveram, são as das peças, tambem francezas, *A vida de um rapaz pobre* e *Mulher Demonio*, ambas melhoradas no desempenho.

Em primeira representação apenas *Uma senhora illustrada*, imitação em 1 acto, do comediographo brasileiro *Arthur d'Azevedo*.

Prima pelos ditos felizes e pela viveza do diaogo, ao qual deram relevo *Maria das Dores*, *Guilhermino Sepalveda*, *Arthur* e *Polla*. E de novo mais nada por ora nos dá o *Principe Real*.

JAYME VICTOR.

Dom Sebastião em Alcobaça

No vetusto mosteiro entrava a comitiva
Do cavalleiro-rey. As plumas alvejantes
Ondulavam de manso á aragem fugitiva.

Deslumbrava o primôr das armas scintillantes,
Dos rendados broqueis, das esporas de prata,
De longos espadins e rutilos diamantes.

Primorosos gibões de nitida escarlata,
Recobriam o corpo aos nobres cavalleiros,
Em cujo rosto mesto a força se retrata.

Cereado com amôr, dos valentes guerreiros
El-Rey caminha audaz, erecto e megestoso,
E sauda a sorrir os monges prazenteiros.

O templo do mosteiro era então silencioso.
Do sol a intensa luz entrava subtilmente,
E a fronte illuminava a um Christo primoroso.

Porem el-Rey entrára e logo mansamente,
Uma doce harmonia, extranha e suspirosa
No orgão soluçou, tristissima e plangente.

Então elle curvou-se, e a côrte respeitosa,
Por terra se prostrou n'uma attitude santa,
Para os ceus dirigindo a prece fervorosa.

D'el-Rey a um gesto rude a côrte se levanta,
E seguindo-o submissa, attenta e dedicada,
Pelo templo immortal heroica se adianta.

Junto parou el-Rey da campã venerada
De Pedro, o justiceiro, e logo, de repente,
Arrogante soltou enorme gargalhada.

E ao morto Rey lançou, convulsivo e tremente,
Vivas imprecações. N'um louco desatino,
Ultraja e vitupera e zomba cruelmente.

Entretanto na cerca o cantico argentino,
Palpitante d'amôr, das aves namoradas,
Juntava-se ao rumôr do arroyo crystallino.

Mal terminára el-Rey as falas irritadas,
Que ao morto dirigira, implacavel e fêro,
O silencio reinou ao longo das areadas.

De subito, porem, um velho monge austero,
Dirigindo-se ao Rey, severo e magestoso,
Esta fala soltou, n'um tom duro e severo :

— «Principe, sois cruel! é feito vergonhoso,
Dizer palavras taes a cinzas veneradas
D'um justiceiro Rey, amante e glorioso.

Fariéis bem, Senhor! em seguir-lhe as pisadas,
Imitar-lhe o saber de austero governante,
Querido ás multidões por elle governadas.

Mas se não respeitae a perda lancinante,
Que ao morto triturou o nobre coração,
Ao menos venerae o látego possante,

Que tanta e tanta vez lhe fulgurou na mão!»

ALFREDO ALVES.

Monumento a Souza Martins



Inaugurado em 1-3-904, no campo de Sant'Anna — Trabalho de Costa Motta

A mystificação cesarista

Excerptos de um livro inédito

I

Quaes as causas proximas do famoso *círculo* ou *rescripto da paz* que transmittido em circular de 24 de agosto de 1898 pelo Conde Muravieff ao Corpo Diplomático em S. Petersburgo ia despertar nas chancellarias, na élite intellectual e até nas classes populares de todos os paizes civilisados as mais vivas e interessantes discussões e os commentarios mais apaixonados e divergentes?

Segundo o criterio de alguns publicistas, foi um livro, um livro celebre, producto das meditações e dos estudos de um pensador, até então quasi desconhecido e sem outros meios de acção sobre a humanidade além do seu talento, que determinou a iniciativa de Nicolau II.

Outros, porém, filiam em origens mais positivas, a deliberação do Tzar.

Sabe-se hoje, de fonte official, que, desde 1890, lord Salisbury, impressionado, não só com os gravames financeiros da paz armada compendiados em minucioso relatório elaborado pela informação secreta do Foreign Office, mas ainda com a perspectiva de uma guerra excepcionalmente mortifera pela quasi impossibilidade em localisá-la, pelas grandes massas empenhadas na lucta e pelo aperfeiçoamento dos engenhos de destruição, communicára á Alemanha o documento mencionado e o seu criterio pessoal, seguindo-se d'ahi uma troca de impressões entre as grandes potencias. Assim se explica que em 9 de novembro de 1897, muito antes da primeira circular Muravieff, o Primeiro Ministro, commentando n'um discurso proferido em Mansion House a febre crescente de armamentos, deixasse escapar as seguintes palavras: «A unica possibilidade de impedir que esta concorrência venha a saldar-se por um esforço terrivel de mutua destruição, fatal á civilização christã, a unica esperança que ainda nos resta é que as Potencias se aproximem pouco a pouco de uma acção solidaria em ordem a solver amigavelmente os motivos de conflicto que passam vir a sujeitar-se, até formularem um dia, em common, uma especie de Constituição Internacional susceptivel de, pela sua immensa auctoridade, dar ao mundo um prolongado hausto de commercio livre, industria prospera e paz ininterrupta.» (1)

Que o livro de Jean de Bloch, compendiando os elementos da questão

dispersos, aqui e acolá, em copiosa bibliographia (2), e imprimindo-lhes uma rigorosa unidade e uma eloquente evidencia, houvesse contribuido para precipitar a acção do Tzar, piamente o acreditamos, mas d'ahi a concluir que o rescripto de 24 de agosto fosse provocado por esse trabalho, aliás notavel, vae uma distancia enorme.

A transcripção dos principaes trechos da primeira circular Muravieff dará aos leitores uma impressão geral do objectivo do Tzar.

«A manutenção da paz geral e uma possível redução dos excessivos armamentos que pesam sobre todas as nações, apresentam-se, nas condições actuaes do mundo, como o alvo a que devem ser encaminhados os esforços de todos os governos.

As ideias humanitarias e magnanimas de S. M. o Imperador, meu augusto soberano, tem convergido para tal fim. Na convicção de que estes elevados intuitos são conformes aos interesses mais essenciaes e aspirações legitimas de todos os poderes, o Governo Imperial julga azado o momento de procurar, por via de uma discussão internacional, os meios mais effizientes de garantir a todos os povos os beneficios de uma paz real e duradoura e, acima de tudo, pôr um termo ao incremento progressivo dos armamentos existentes.

«Pôr um termo a estes incessantes armamentos e cogitar dos meios de desviar as calamidades que ameaçam o universo, tal é o Dever supremo que hoje incumbe a todos os Estados.»

«Esta conferencia seria, com a ajuda de Deus, um feliz presagio para o seculo em que vamos entrar. Faria convergir para um poderoso foco os esforços de todos os Estados que procuram sinceramente fazer triumphar a grande concepção da paz universal sobre os elementos de perturbação e discordia.

Ao mesmo tempo consolidaria o seu accordo por uma consagração solenne dos principios da equidade e do direito — bases da segurança dos Estados e do bem estar dos povos.»

Ha uma visível semelhança entre o rescripto imperial e o projecto napoleonico de 1863. O mesmo espirito parece animar as duas concepções, mas se em ambas é grande a parte da Utopia, na segunda revela Napoleão III perfeita sciencia das causas perturbadoras da paz europeia e aconselha a unica solução possível: a revisão dos tratados de 1815, de modo a sanar as iniquidades e absurdos anteriores á Santa Alliança mas ainda vivazes á data do Congresso de Vienna, os emergentes da redistribuição de territorios por ella effectuada e, em mais de um caso, arbitraria, e os posteriormente derivados da evolução natural das ideias e dos progressos da democracia. Napoleão III era um visionario no sentido da absoluta inexequibilidade da sua ideia da restituição territorial por espontanea e generosa renuncia dos expoliadores. Mas não encontrasse elle a opposição cathorica das potencias e a sua formula teria sido a unica vivavel.

D'ahi a incomparavel superioridade do projecto de 1863 sobre o rescripto de 1898, onde tudo é vago, nebuloso como a eterna bruma das

O "bal de têtes" em casa da senhora condessa d'Almedina



D. Luiza Almedina Caria

(Marie Antoinette, tableau de M.^{me} Vigée Lebrun, no museu de Versailles)



D. Alda Almedina

(Tête bysantine)



D. Laura Rangel de Lima

(Princesse de Lamballe)

Na Escola do Exército



Clôvis de A. Diniz

A família real durante a cerimônia da bênção da bandeira

steppes. Em ambos os documentos canta a fórmula da paz universal, tão grata aos povos quanto vasia de sentido e não raro salvo conducto de tremendos attentados contra o Direito; em ambos se fala em desarmamento, posto que mais insistentemente na circular de 1898 visto serem diversas as condições das duas épocas; mas à questão prévia, essencial, á alma-mater do problema, nem allusão se vislumbra no documento moscovita.

Nas expressões «consagração solenne dos principios da equidade e do direito» e «esforços de todos os Estados para fazer triumphar a grande concepção da paz universal sobre os elementos de perturbação e discordia...» houve quem pretendesse descobrir a fórmula de reparação, cuja ausencia reduziria a proporções bem modestas a obra evangelisadora. «Se isto não significa que devemos fazer um esforço para salvar os meandros internacionais existentes — exclama notavel publicista — então, francamente, será difficil acertar-lhe com o verdadeiro sentido.» (3) E a propria França, a principio se convenceu de que a reivindicação da Alsacia-Lorena, ameaça permanente á paz europeia no conceito universal dos tratadistas (4), seria um dos pontos a debater na conferencia (5).

O proprio Tzar e o seu Primeiro Ministro se encarregaram de interpretar por uma fórma authentica, peremptoria, irreductivel, expressões que, a nosso ver e em face do simples texto da circular de agosto de 1898, dispensavam qualquer explicação.

Nas expressões citadas, o Tzar alludia, pura e simplesmente, ao movimento socialista e anarchista provocado, em grande parte, pelas actuaes condições economicas do mundo civilisado com o militarismo por coefficiente perturbador.

Logo no officio de 25 de agosto, em que encaminha ao Foreign Office a circular Muravieff, o embaixador britannico em S. Petersburgo elucida as phrases em questão, mas quando alguma duvida ainda subsistisse, ella desapareceria deante das palavras proferidas

por Nicolau II na audiencia concedida ao jornalista William Stead, em Livadia, no outomno de 1899.

«Vejo todas as nações empenhadas em apoderar-se ou procurando apoderar-se dos territorios ainda não occupados por qualquer potencia europeia. Olho para os resultados e não me parecem bons. Para as raças indigenas, que representa a expansão imperialista? Na maioria dos casos, o opio, o alcool, toda a sorte de vicios, um abysmo profundo entre governantes e governados, onerosos tributos com que os nativos teem de pagar os beneficios d'esta civilização. E para as nações occupantes? Um aggravamento constante de suspeições, ciumes e rivalidades que as leva a mais e mais augmentar frotas e exercitos em ordem a habilital-as a tomar parte na deglutição do universo, com o seguinte resultado: — que os exercitos e as esquadras devoram milhões que bastariam para garantir o bem estar dos povos. Em cima, uma pequena minoria verdadeiramente rica e confortavel; em baixo, uma enorme massa popular, cujas condições estão longe de ser boas. Entre os primeiros e os segundos um abysmo. O descontentamento latente leva ao socialismo e, em seguida, degenera nas varias formas do anarchismo. Não, francamente, não me conformo com isto.

Recrutámos para o exercito todos os elementos válidos em tal proporção que, se qualquer potencia euro-



A entrada da família real

peia quizer mobilisar a totalidade das suas forças, não poderá fazel-o sem perturbar completamente a ordem social. A guerra tornou-se tão dispendiosa que nenhum Estado, coagido a uma guerra prolongada, estará ao abrigo da bancarrota. Estamos aperfeccionando os engenhos modernos de destruição a um ponto tal que a mortandade entre os officinaes porá em perigo os proprios alicerces do Estado.



O altar



Os alumnos da Escola do Exercito desfildando

Assim, da guerra moderna podem resultar: a desorganização da sociedade civil, a bancarota do thesouro e a perda dos elementos dirigentes da sociedade, deixando-nos, mesmo na hypothese da victoria, *uma herança terrivel de anarchia revolucionaria.*

De resto, logo que aos enthusiasmos faceis das primeiras impressões succederam a calma e a reflexão, a expectativa geral, conquanto acolhendo a iniciativa do Tzar com uma benevolencia discreta, accusava, nas entrelinhas, uma ironia mal dissimulada e uma descrença formal quanto aos resultados praticos da conferencia.

A attitude das chancellarias afinava pelo mesmo diapásão. As suas respostas, embora aceitando em principio, e até calorosamente, como o fez a Inglaterra, o diagnostico formulado pelo Tzar, não passavam na essencia, de uma desobriga da cortezia internacional para com um autocrata poderoso, cujas sympathias ou neutralidade convem sempre não desprezar. Entretanto, para mais completa certeza de que o futuro Aropago em nada perturbaria o chyllo das grandes potencias na difficil e laboriosa digestão dos povos esmagados, das nacionalidades opprimidas e das aspirações democraticas refeedas pelo ferro, pelo fogo e pelas leis de excepção, todas ellas sollicitaram do Tzar indicações «mais precisas» sobre os pontos especiaes a discutir na magna e douta assembleia.

Na circular de 30 de dezembro seguinte, Nicolau II satisfaz a curiosidade das Potencias. Esse documento, comparado com o famoso *cirenico*, é ainda mais anodyno e n'elle transluz um desalento que a sonoridade das formulas mal logra encobrir. No periodo decorrido entre as duas circulares graves successos se passaram e mais de uma vez a paz europeia ameaçou degenerar n'uma conflagração. O proprio Tzar o reconhece. Entretanto «esperando que os elementos de perturbação que agitam as esferas politicas breve dêem logar a um estado mais calmo em ordem a facilitar o exito da Conferencia projectada, o Governo Imperial julga possivel proceder desde já a uma troca preliminar de vistas entre as Potencias.» Esta linguagem do Soberano dispensa o esforço do interprete. A futura Conferencia deixou de constituir para o Tzar uma preocupação vital do seu espirito; passou á modesta cathogoria de mera saída airosa de uma tentativa gorada.

Com a circular de 30 de dezembro apagam-se as ultimas esperanças dos sonhadores de chimeras. O Tzar nem cogitou de uma possivel remodelação da carta da Europa com audiencia dos expoliados, opprimidos ou descontentes; antes canta e eathogoricamente accentua o seu respeito pelo *status quo*: «fica entendido que todas as questões concernentes ás relações politicas dos Estados e á ordem de cousas estabelecida por tratados, e em geral todas as questões não directamente visadas no programma adoptado pelos gabinetes são absolutamente excluidas das deliberações da conferencia.»

Então, á medida que o dia solemne se avizinha, cada acto das potencias europeias é o prejudalmento dos resultados da conferencia. Salvas as formulas, a essencia subsiste intacta a um grande fremito guerreiro, uma impulsão veranica de matar e destruir, uma exacerbação quasi doentia do instincto da combatividade parece succudir os da velha Europa em busca de um derivativo que lhe traga o esquecimento das suas miserias, das suas angustias moraes ou das tremendas inquietações da sua alma oscillante entre idéias que já não bastam e esperanças que ainda não consolam.

CUNHA E COSTA.

(1) "... to act together in a friendly spirit on all subjects of difference that may arise, until at last they shall be welded together in some international Constitution which shall give to the world, as the result of their great strength, a long spell of unfettered commerce, prosperous trade and continued peace."

(2) Palaestrando com o jornalista britannico Mr. Stead, o conhecido director da *Review of Reviews* e promotor infatigavel da cruzada da Paz, o general Kuropatkin, ministro da guerra do Imperio moscovita e um dos que, segundo affirmou o proprio Tzar *mais influirao no animo do soberano para a publicação do rescripto*, terminou, dizendo do livro de Bloch "... Bloch não deu a importancia devida aos talentos do commandante em chefe e ao capitulo dos accidentes; entretanto, ha muita coisa boa n'esse trabalho que representa a compilação de muitos estudos dos technicos na materia — *Review of Reviews*, 15 de junho de 99, pg. 541.

(3) *DIPLOMATICUS: The vanishing of universal peace: Fortnightly Review*, maio de 1899, pag. 876

(4) *Revue Générale de Droit International Public*, vol. v, pag. 690-743.

(5) *NOVOVITCH: La pacification de l'Europe*, pag. 82, 83, 87, 94.



“PASTORAL”

De Coelho Netto

É bem conhecido e estimado entre nós o nome de Coelho Netto, o laureado auctor de *O sertão*, *Inverno em flor*, *Tormenta*, *Pelo amor*, e de tantas outras joias litterarias, que nos vieram do clima suave do Brasil. Da sua penna inspirada jorram todos os annos bellos livros de analyse, tocados de pequeninas notas de emoção, que põem em evidencia a sua alma de artista e de sonhador. O seu estylo firme e a sua maneira inconfundivel crearam-lhe um logar entre os primeiros escriptores brasileiros e fizeram-o querido de todos quantos se interessam por coisas litterarias.

Ultimamente o valor de Coelho Netto accentuou-se de vez, e de forma brilhante, com a *Pastoral*. Pondo de parte o romance, abordou o escabroso genero *theatro* e triumphou em toda a linha. A *Pastoral* é uma peça em 3 actos, arrancada ás paginas biblicas, toda impregnada de um profundo mysticismo religioso; em que abundam trechos enteneadores e em que não foi esquecido o estudo rigoroso dos personagens, nem os traços que marcam as influencias das creenças dominantes na epocha memoravel do nascimento de Christo: é este o grande acontecimento que a *Pastoral* celebra. Sobre o seu valor litterario escreveu já largamente jornalistas de além mar, e entre elles Severiano de Rezende e Augusto Barjona. Os nossos leitores em breve saborearão a obra, a que hoje consagramos algumas paginas e que vai ser editada, em edição de luxo, pela livraria Tavares Cardoso.

A *Pastoral* subiu á scena, na garrida cidade de Campinas, Estado de S. Paulo, na noite de 25 de dezembro, no theatre de S. Carlos. Para esse trabalho de requintado lyrismo escreveram, ou antes, sonharam musica, os compositores brasileiros Alberto Nepomuceno, Francisco Braga, Sant'Anna Gomes e Henrique Oswald. A leitura da peça causou alvoroço e desde logo surgiram elementos para a pôr em scena — maestros, scenographos, orchestra, copistas, ponto, contraregra, ensaiador, adreccistas, caracterizador, camaroteiro, arrumadores e... interpretes.

Artistas de carreira não saberiam comprehender a bondade de Maria, a graça de Santa Isabel e de Dina, a belleza do Anjo Gabriel, a

gravidade de S. José, de Simeão, de Eleazar e de tantos outros. Seria necessario encontrar ideas femininas para as figuras ingenuas e simples d'esses tempos recuados, e quem copiasse os santos homens de então. Encontraram-se: meninas da melhor sociedade campineira e rapazes, que, se não eram crentes, se tornaram ao decorar dos papéis.

A creença que resalta da peça e o enternecimento das scenas encantadoras de singelleza operaram milagres, suggeriram a intuição artistica, guindaram o grupo ao nivel dos consagrados. E o publico, que assistiu ás 3 representações da *Pastoral*, vibrou de tristeza perante a magua de S. José, ajoelhou com Maria diante do anjo annunciador, sorriu aos pequeninos pastores que traziam offerendas Ao que vinha redimir a humanidade, e transportou-se aos idos tempos da Fé, ouvindo a parabola sentida de Santa Isabel.

O *Brasil-Portugal*, á mingoa de palavras que bem mostrem o alto valor da *Pastoral*, reproduz, pela photogravura, scenas da peça e retratos dos que concorreram para o seu desempenho, bem como o de Coelho Netto. Como complemento deixa aqui a distribuição dos papéis e nomes de todos os que trouxeram elementos á realisação d'este grande commettimento:

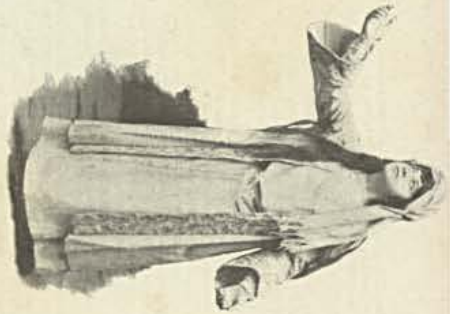
Personnagens:

O rhapsodo Eleazar, velho cego, sr. Antonio Andrade; *José, esposo de Maria*, Euclides Andrade; *Dathan, pastor*, Antonio de Sousa Brito; *Simeão, surdo-mudo*, Arthur da Rocha Brito; *O anjo Gabriel*, D. Odila Maia; *1.º pastor*, menina Maria Amelia Martins; *2.º pastor*, menino Jayme Ramos dos Santos; *3.º pastor*, menina Alda da Rocha Brito; *4.º pastor*, menina Dulce Castro Mendes; *Um menino*, a menina Maria Maia; *Maria*, D. Luella de Andrade; *Isabel*, D. Elisa de Rezende; *Dina, filha de Eleazar*, D. Dina Pereira; *Tamar, Debora, Abigail, Ada, Orpha, moças de Judá*, D. Anna Candida Pompeu, D. Julia Castro Mendes, D. Angelina Simões, D. Albertina da Rocha Brito, D. Eduarda Andrade; *Uma menina*, D. Caira Gomes Pinto.

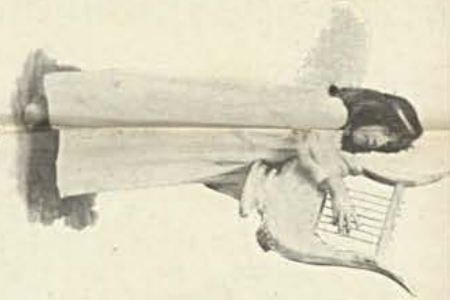
Anjos, creanças, pastores.



Coelho Netto
Escritor Pastoral, actor de Pastoral.



D. Diana Bueno Pereira
Dama, filha de Blazur.



Menina Gerarda Rezende Martins
13 anos.



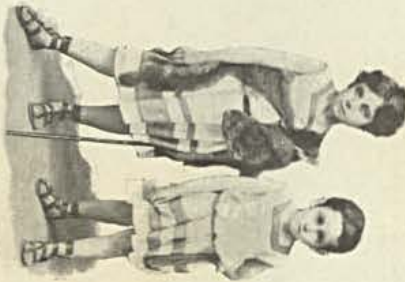
D. Elisa de Rezende — Santa Isabel



D. Gaby Coelho Netto
Esposa de Coelho Netto.



D. Lucilla Andrade — Nona Sabela



Meninos Korini — Pastoralistas



Meninas Maria Amélia Martins, Alia da Rocha Brito e Maria Maia
Pastoralistas



Encilides Andrade e D. Lucilla Andrade
Nona e Nona Sabela



3.º acto da Pastoral.
No lugarejo de Dufreim — A adoração dos pastores.



Antonio Andrade
Rei.



Arthur da Rocha Simões,
Rei.



D. Odina Maia
Anjo Gabriel.



2.º acto da Pastoral.
Coro, Santa Isabel e esposa de Jadaí (D. Elisa de Rezende, D. Eduarda de Andrade, D. Jadaí de Castro Mendes, D. Angélica Simões, D. Anna Cândida Rompão, D. Albertina da Rocha Brito).



Olegario Ribeiro,
regente da orchestra



D. Ida Stott,
que cantou o episodio do 1.º acto



Maestro Alberto Nepomuceno,
auctor da musica do 3.º acto

SOLOS

Episodios. 1.º D. Ida Stott; 2.º D. Isaura de Queiroz Barros; 3.º D. Wanda Ribeiro.

COZO DE SENHORAS

D. Alice Gomez, D. Alice Armbrust, D. Alda Penteado, D. Anna Alves, D. Coralie Decourt, D. Ercilia Alves, D. Escolastica Sampaio,

Castro Menezes, Ondina Damy, Thereza Sousa Brito, Thomaz Gomes Pinto, Yvone Maryssael, Adda Norfini, Alda Rocha Brito, Antonio Norfini, Dulce Castro Mendes, Eunyce Castro Mendes, Fantina Costa, Geraldo de Rezende Martins, Henrique Valente da Rocha, Hilda Andrade, Jayme Ramos dos Santos, José Pinto de Moura e Julia Villac.

Ensaiaadores dos coros: de senhoras, o sr. Jorge Klier, e de homens o sr. Theodoro Ihnan; ponto do poema, sr. Benedicto Octavio, e da



Benedicto Octavio,
ponto



A. Norfini,
scenographo



Jorge Klier,
ensaiaador dos coros de senhoras

D. Etelvina Rebouças, D. Gabi Coelho Netto, D. Georgina Couto, D. Lucilla Pompeu de Camargo, D. Luiza Pompeu de Camargo, D. Maria Antonietta de Castro Mendes, D. Maria da Penha Nogueira, D. Maria Thereza Nogueira, D. Narcisa Pereira da Silva, D. Quita de Castro, D. Perpetua Leone, D. Wanda Ribeiro.

COZO DE HOMENS

Srs. Adolpho Backdorff, Antonio Forster, Arthur Merbych, Bernardo Stapelfeld, Bruno Hilksner, Constantino Klein, Edmundo Wagner, Eduardo Bruhus, Franz Maryssael, Guilherme Decourt, Gui-

musica o sr. Jorge Klier; e encarregado da electricidade o sr. João Ferras.

ORCHESTRA

Primeiros violinos — Castagnoli, dr. Joaquim Alvaro, Henrique Armbrust Filho, dr. Francisco Guglielmo, Edgard Gérin. Segundos violinos — Juvencio Monteiro, Ernesto Decourt, Carlos Cortez, José Alves Rodrigues. Violas — Sant'Anna Gomes, José Narciso Monteiro, Raul Gérin Violonecellos — Luiz Monteiro, José Martins Ladeira. Contrabaixos — Pedro de Castro, Francisco Cesar. Oboé — Luiz Gonzaga Monteiro. Flautas — Oscar Gaubrea, Julio de Oliveira. Clarinetes — Anto-



Sant'Anna Gomes, irmão do maestro Carlos Gomes,
auctor da musica do 1.º acto



D. Wanda Ribeiro,
que cantou o 3.º acto



Maestro Francisco Braga,
auctor da musica do 2.º acto

Iherme Hennigs, Jacob Steeger, Jorge Hennigs, Jorge Merbaeh, Julio Gerin, Justo Luiz Pereira da Silva, Ricardo Hartmann e Victorino José Pereira.

Crianças: Maria Amelia Armbrust, Maria Amelia de Rezende Martins, Maria Aranha, Marina Maia, Maria Silva, Maria Villac, Nazira de

nio Braz da Silva, Juvenal P. da Costa. Fagote — Rodolpho Procopio. Pistons — Francisco Braz da Silva, Leandro de Fabris. Trompa — João de Tullio. Trombone — José Moreira Lopes. Piano, parte de harpa — José Stott, Harmonium — Jorge Klier. Regente organisador da orchestra — Olegario Ribeiro.

O João Vigia

A beira da linha ferrea, no sitio em que a estrada de macadam passeava como longa fita de lhama plateada, serpenteando pelos campos cheios de sol, pelos prados e pelos outeiros, erguia-se, severa, entre velhos castanheiros, a casa do guarda. As madre-silvas e as trepadeiras que lhe guarneciam as paredes esbranquiçadas quebravam a dureza d'aquella acanhada construção de mausoléu, erecto á sombra de eucalyptos e cyprestes.

A horta ao lado, a lata-ja toda revestida de folhas verdes e de panpanos, uns pés de artemisia e de malmequeres junto ao vallado e dois vasos em que floriam garridos e frescos alguns cravos de um vermelho de fogo, em cima do muro que dava para fóra, faziam prever que ali habitasse um espirito gentil de mulher moça. Mas não. Era a morada do velho guarda da linha, o João Vigia, como lhe chamavam no lugar.

Baixo e ligeiramente corcovado, a pelle rugosa e tostada cobrindo-lhe a ossatura das mãos e do rosto asymetrico e sinuoso, o labio inferior descaído ao lado, deixando á vista os dentes raros e amarelados, cerrada a palpebra do olho direito, a existencia do guarda de linha corria sedentaria e triste, vergada ao peso da desdita pela morte da mulher.

Desde então nunca dentro da alma do rude octogenario scintillara um raio de claridade, nunca a face tristonha do velho se contraira n'um sorriso de satisfação e de esperança.

Levantava-se ainda noite escura, de inverno, accendia o pharol, fechava as cancelas da passagem, e ali se ficava quèdo e mudo, mirando as estrellas e a lua, ou cabisbaxo, o queixo hirsuto inclinado para o chão, como que querendo penetrar com o olhar as entranhas da terra, até que o comboio matutino avançasse ao longe, na sua marcha imponente e rapida, e desapparecesse além, na curva da linha, vomitando pela chaminé da locomotiva o seu rolo de fumo espesso e interminavel. E de verão amanhecia tambem com o chilrear dos estorninhos e dos pintasilgos que, fóra, nas ramadas, estrellas d'alva brilhando no céu azul esmaecido, entoavam festivos os seus hymnos de saudação ao sol de ouro que ia romper do levante.

Depois era o fadario de todos os dias, até essas duas ou tres horas como de noite, vigiando a linha, limpando as valletas, e, no tempo que lhe sobejava, cuidando da horta, dos cravos e dos amanhos da casa.

Uma tarde, quando ia para a fonte, disseram-lhe a rir: — Por que não se casa, ó ti João? . . . Isso assim não está bom. . . Precisa d'arranjar uma mulher que lhe lave a roupa, o remende e lhe faça o caldo . . .

O João Vigia torceu levemente as feições, coçou o mento e retorquiu secco:

— Eu agora hei-de casar-me com a mortalha . . . Mas, intimamente, lá no amago do seu espirito senil, fulgira uma resea de luz e de caricia, como ha muito tempo não havia experimentado. A Custodia tecedeira dissera-lhe exactamente as mesmas palavras, perguntara-lhe se elle a queria para sua companheira, que aquella vida assim não levava geito. E a proposito da tecedeira, que então lhe parecera um escarneo e uma troça, afigurava-se-lhe agora muito natural e muito sincera. Pois, por que não havia de tornar a casar-se? . . . matutava o João Vigia, caminho de casa, com o cantaro da agua ao hombro.

A noite, passado o ultimo comboio, deitara-se logo, anticipando a hora do costume. Mas, só muito tarde pôde conciliar o somno. A possibilidade de se casar com a tecedeira não o abandonava.

Phantasiava-a já sua mulher, tratandolhe dos arranjos de casa, da horta e das galinhas. Adivinhava-lhe as formas airozas do corpo, n'um desejo de caricias, as ancas roliças e macias, as proeminencias exuberantes e rijas dos seios, os braços carnudos e rosados. E assim adormecera, por fim, vencido pela fadiga do dia, suavemente embriagado.

Quando acordou, já o sol ia alto: Na cabeça a ideia fixa do casamento com a moça.

E começou de lhe passar á porta.
— Bom dia, Custodia . . .
— Viva o ti João . . . Por aqui, tão madrugador? . . . Para onde vae vocemecê? . . .

— Ali a cima, á venda, a umas mercas . . .
— Para a bôda, ó ti João Vigia? . . .
— Isso sim . . . respondia o guarda enleado, litando carinhosamente a tecedeira, com o unico olho que possuia. — Isso ainda está para ajustar . . . Tu sempre te resolves a casar comigo, ó Custodia? . . .

— O' ti João . . . Ora essa! . . . Quando vocemecê quizer.
E soltava umas gargalhadas muito vibrantes, muito frescas, fazia girar a lançadeira por sobre o algodão e o tear proseguia no seu bater cadenciando e estridulo: — trás . . . trás . . . trás . . .

Não gostava o João Vigia d'estas respostas e d'estas gargalhadas que lhe pareciam de caçoada. Até o estalar ruidoso do tear o amotinava lá por dentro e enfurecia. Os rapazes começaram de lhe dirigir mofas e as mulheres chasqueavam-no.

— Quando é a bôda, ó ti João? . . .
E o ti João aparentava não ouvir a chacota, pegava da saccola, deitava-a ao hombro e ia pela linha adiante, que a vontade de elle era descompo-los e corre-los á pedra, a todos.

Como se lhe não bastasse a ralação das gargalhadas galhofeiras e o desdem da tecedeira!

Principiou então a andar triste, acabrunhado. Fugira-lhe a vontade de comer, esvaindo-se-lhe todo o sonho dilecto da sua alma, ao

passo que as risadas chocarreiras de Custodia e o barulho do tear lhe retiniam nos ouvidos como casquinadas diabolicas.

Certa manhã o guarda da linha não appareceu como de costume a fechar as cancelas de passagem e a fazer o signal ao primeiro cornboio. Logo foram dar com elle morto, estirado no misero catre de tabuas, enrolado na manta, meio cerrado e sem brilho o unico olho que possuira em vida, a bôca escancarada, uma das mãos amarfanhando uma ponta do lençol.

E quando o coveiro, insensivel e atarelado, atirava com terra por sobre o cadaver do João Vigia, no cemiterio da aldeia, depois da encomendação do reitor, cobrindo o aos poucos, em pancadas mudas e abatadas no caixão de pinho, forrado de panninho preto agalocado a amarello, o tear da Custodia, lá ao longe, batia incessante e afadiga do: — trás . . . trás . . . trás . . . trás . . . Era como que uma ultima e im piedosa casquinada de escarneo . . .

ALBERTO DE MADUREIRA.



Theotonio Patricio*Alvares

Antigo jornalista, e escriptor de Direito

† em Ponte do Lima a 29-1-904



Antonio Xavier de Sousa Cordoiro

Juiz da Relação dos Açores

† em Ponta Delgada a 17-11-903, trasladado para Lisboa, onde chegou a 9-1-904

Commercio no Brasil

“Ao Ponto”

Grande casa de modas em Campinas



Sabino Julio de Barros
Proprietario da casa “Ao Ponto”



Interior



Fachada do edificio



Interior